

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs. com estampilha..... 600 rs. Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
Rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
Annuncios e communicados, a 50 rs. a linha.
Repetições..... 25 rs. a linha
Annuncios permanentes 5 »
Folha avulso..... 40 reis

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Séde da imprensa
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto.

AS VIAGENS DO REI

Dizem os jornaes que o tribunal arbitral de Berne nos condemnou a pagar 6:000 contos de reis de indemnisação no negocio Mac-Murdo. Os titulos da nossa divida consolidada soffreram n'esta semana, uma notavel depressão no mercado. A crise economica está muito longe de se resolver favoravelmente; e só a activa e enorme emigração para o Brazil vae retirando do paiz, de nossa vista uma boa porção de gente miseravel.

Entretanto os jornaes enchem columnas e columnas, narrando os festejos com que os nossos reis estão sendo recebidos nas varias terras, que visitam ou onde se demoram. E cada dia nos apparece em projecto novas viagens da familia real. Os vivas, o calor da recepção festiva, que os monarchas tiveram na Beira e em Cascaes, ainda dura e incita-os a colher novas coroas de flores.

Essas viagens são muito bonitas, podem ser muito agradaveis aos reis, podem acarretar-lhes sympathia e popularidade; mas aggravam extraordinariamente o thesouro publico. Para que no dia preciso tudo seja gaudío e vivorio, o elemento official gasta rios de dinheiro: compram-se as musicas, os foguetes e os vivas, e tudo isso custa caro, muito caro, ninguém regateia.

As circumstancias precarias, em que vivemos, não comportam taes despesas. Estamos no tempo de fazer economias e de mudarmos de vida. As praças estrangeiras ahi estão dando o rebate, impondo-nos a absoluta necessidade, de não transigir com a bambochata dos syndicatos e empregomania.

As viajatas reaes, para colher manifestações são um verdadeiro contrasenso. Para pouco mais servem do que para desacreditarem a monarchia, já deveras abalada com o desastre de 31 de janeiro.

De qualquer d'essas viagens não se tira um só resultado bom; ao contrario dispendem-se, uns poucos de contos de reis, que, melhor applicados poderiam dar bom resultado.

E ha-de-se impor á nação um d'esses sacrificios, quando por outro lado, em nome das economias, se estão a demittir pequenos empregados publicos, que, do provento do seu emprego, tiravam o sustento de suas familias?

Não é para o rei se divertir, que se impõem taes sacrificios á nação; tanto mais que em uma só d'essas viagens gasta o rei sem vezes mais do que trinta ou qua-

renta d'esses empregados ganham em um anno.

Se a politica manda que o monarcha viaje para consolidar a sua cauza e o seu reinado, então viaje á sua custa, com os seus rendimentos proprios. A cauza da nação é bem differente da cauza monarcha ou republicana. Um ou outro systema de governo pode dar maiores ou menores garantias, pode ser mais ou menos sympathico á maioria dos habitantes do paiz; mas d'ahi até ao ponto de a nação pagar para que n'um ou outro partido triumpho faz bem differença.

As viagens dos monarchas em tão precarias circumstancias, como a nação se encontra, são em verdade condemnaves e prejudiciaes á propria causa da monarchia.

SELVAGERIAS

Já desesperámos de vêr entrar isto nos eixos. Quanto mais tolerancia ha, tanto mais os abusos se repetem. Debalde nos temos cansado a pedir ordem e moderação. Os desordeiros entendem que só provocando e pimponando ameaças é que figuram, e por isso ninguém os corrige.

Tambem ha por ahi uma politiquice que os auxilia com os commentarios que deturpam os factos.

Uns e outros fazem bem. Desacreditem devéras a terra, porque ella tem já bom nome lá fóra.

Vamos aos factos.

Quarta-feira, na costa do Furadouro, quando de uma casa pegada ao hotel se estavam atirando achas para a rua foi levemente ferido um rapaz pescador.

O pae do ferido, vendo o filho a chorar e suppondo que quem arremessava as achas fóra um banheiro por nome Alfredo, puchou de um machado para o banheiro. Este respondeu á ameaça do machado puchando de outro machado com que estava rachando lenha.

N'esta contenda intervieram differentes banhistas, apartando os contendores. Emquanto os banhistas estavam entretidos a discutir qual dos dois tinha razão, José Pacheco Polonia agarrou o Alfredo e depois de o bater bastantes vezes contra a parede da sua taberna deu-lhe voz de prisão, querendo que elle viesse no meio de dois pescadores da sua companhia para a cadeia.

Este procedimento revoltou todos os banhistas, que alli se encontravam, os quaes immediatamente tomaram o partido do prisioneiro. O rapaz voltou, que já seguia pela estrada para a

villa voltou para traz; e quando se aproximava da casa de José Polonia este voltou ao seu encontro, provavelmente para o agarrar de novo.

Então o sr. dr. Amador Valente, de Oliveira d'Azemeis dirigiu-se a José Polonia a fazer-lhe algumas reflexões e mostrar-lhe que nem devia, nem podia prender o rapaz. Logo ás primeiras palavras José Polonia arrancou o pau das mãos do sr. dr. Valente e ameaçou bater-lhe com elle. Fez isto quando tinha ao seu lado uns poucos de pescadores, que berravam despropositadamente.

Em todos os banhistas tanto d'Ovar, como de fóra, houve um forte movimento de indignação, e a tal ponto que José Polonia mandou tocar a buzina para reunir a sua companhia de pescadores.

Passado pouco tempo começaram os pescadores em correrias chegando a ser atacado á pedrada o café do Silva Cerveira e uma outra casa. Foi n'essa occasião ferido com uma pedra na cara o lampeanista d'esta praia quando estava preparando um candieiro da illuminação publica.

Em virtude dos factos que acabamos de relatar o sr. administrador do concelho apresentou-se á noite no local, mas, quando chegou, já tudo estava em socego.

Constou-lhe, no dia immediato, que se repetiriam as desordens. Entendeu que devia comparecer no local para prevenir qualquer attentado.

Ora a auctoridade teve occasião de verificar que tal desordem era apenas imaginaria. Comtudo conservou-se na praia até de noute.

Tinham-se accendido, como do costume os candieiros da illuminação publica, mas depois que uns senhores *progressistas* viram chegar á praia o regedor da parochia acompanhado por 4 ou 5 homens da sua confiança, entenderam, que deviam dar a nota predominante do seu character. Mandaram apagar todos os candieiros e principiaram a querer ensaiar uma assuada, á frente da qual estava um celebre Mello, muito bem conhecido unicamente pelas proezas d'este jaez.

Porém a attitudo um pouco energica da auctoridade administrativa, fez entrar na ordem esses discolos, que não tem o senso commum bastante para comprehender que o futuro da nossa praia não póde estar á mercê d'essas nojentas garotadas.

Narrando estes factos tão fielmente como se passaram não nos demovem quaesquer considerações politicas.

Porquanto:

A desordem do primeiro dia travou-se apenas entre progressistas. E' um dos chefes progressistas em Oliveira d'Azemeis o sr. dr. Amador Valente.

A assuada do segundo dia, a haver, teria sido dirigida a um administrador do concelho de politica, que não conhecemos e que com toda a certeza não é a nossa.

Mas é de tal fórma revoltante o procedimento dos selvagens, que nos revolta devéras.

Ao administrador do concelho, que mal conhecemos apenas recommendamos uma coisa:—cumpra energicamente com os seus deveres e verá como os arruaceiros desaparecem.

Novidades

Desastre—Sabbado da semana passada succedeu um lamentavel desastre na passagem do nivel em S. Miguel d'esta villa.

Vinha passando uma carruagem de Oliveira d'Azemeis e porque as cancellas da via ferrea estavam abertas o cocheiro quiz atravessar ignorando que vinha proximo um comboyo. Quando reparou e viu o trem avançar para elles, já não tinha tempo de recuar e por isso fustigou os cavallos; mas o receio dos cavallos fez com que estes se voltassem e tomassem tal posição que a machina apanhou um, matando-o instantaneamente e arremessando o carro para o largo, sem que o cocheiro, o outro cavallo ou o carro soffressem qualquer damno.

Já ha tempos esteve prestes a succeder na mesma passagem outro desastre bem peor, quando passavam as auctoridades judicias.

Medidas sanitarias.— Parece que o sr. administrador do concelho vae tomar algumas medidas a proposito da condução dos escassos e empilhagem dos estrumes na costa do Furadouro.

Oxalá venham breve, porque bem precisas são, mormente na quadra de doenças, que vamos atravessando.

Furadouro.— Causaram pessima impressão e profundo desgosto nos banhistas d'esta praia as selvagerias, que em outro local relatamos.

—A *soirée* de domingo esteve muito animada, não já a de quinta-feira como era facil de suppor em vista dos factos d'esse dia.

—Na terça e quarta feira trabalharam as campanhas, mas sem resultado. A pesca limitou-se a caranguejo e carapau, e de um e d'outro muito pouco.

—Tem havido alguns poucos casos de *influenza*, mas d'um character benigno.

—Ha duvidas de que se faça a festa do Furadouro. Nem todas as companhias se promptificam a concorrer com a costumada esmola.

—Ha muita difficuldade em tomar os banhos, por a costa estar muito em rampa, fazendo covas no ponto em que as vagas partem.

—Estão doentes os nossos amigos dr. Antonio dos Santos Sobreira e Antonio Fernandes Ribeiro da Costa. Felizmente já vão em via de restabelecimento.

A bica—A famosa e decantada bica foi agora adornada com uma pia de pedra.

Vae ficando por bom preço aquelle notavel melhoramento.

Os revoltosos—Continua preso em Santander o sr. Tavares Coutinho, um dos sublevados de 31 de janeiro.

Tribunal commercial.— Diz-se que brevemente se instalará n'esta comarca o tribunal commercial, o que até agora se não tem feito em virtude de o juiz de direito de Oliveira d'Azemeis ter indevidamente retido os processos que aqui pertencem.

Cereaes americanos— Dizem de Nova-York que os grandes calores que tem feito garantiram uma colheita tão boa que os preços baixaram já 40 por cento.

A colheita do trigo é excelente, mas a procura é tal que os preços não tardaram a subir de novo 10 por cento.

Esta situação favoravel permittiu, ao que se diz, aos lavradores de Kansas o desaggravarem as suas propriedades de dois milhões de dollars de hipotecas, no espaço de algumas semanas.

Os grandes incendios.—No passado domingo, um formidavel incendio destruiu uma grande propriedade, em Kleinbisna, perto de Tichel, Prussia occidental.

A catastrophe custou a vida a quinhentos carneiros e a cerca de cincoenta outros animaes, bois, vaccas e cabras.

Para cumulo da desgraça, um creado ficou absolutamente carbonizado e muitos outros receberam queimaduras e ferimentos graves.

Bandidos Italianos— Os bandidos turcos e romeliotas, que arranjam dinheiro capturando os viajantes, têm os seus emulos e seguidores na Italia.

Dizem de Viterbo que um habitante d'aquella cidade fóra sequestrado por um bando de malfeitores que exigem por elle um resgate de cerca de quatro contos de reis.

Toda a gendarmereia do districto anda em perseguição dos bandidos.

HORAS DA BEIRA-MAR

Vinha tombando a noute, e o ceo, em reflexo vago,
Dava-me a solidão.
Eu junto do Mar, do Mar immenso lago
Ouvia esta canção:

«Amo-te, oh Lua, na amplidão suspensa,
Luz bemfazeja de meu peito ardor!
Amo-te, oh Lua, de minha intensa
Dor que me opprime d'infinito amor!»

«Porque hei de amar-te, quando tu, sideria,
Longe não ouves meu soluço ingente?!
Porque meus labios, minha espuma etherea
Não pode, ó Lua, dar-te um beijo ardente?!»

«Não pode, oh Lua?!... Mas quem sabe? Um dia
Talvez eu possa acalantar teu seio;
Talvez eu possa tua face fria
Tornar-t'a rubra d'um sonhar d'enleio!...»

«Talvez!... E a força da paixão enorme
Ha-de accender-te o coração gelado!...
Por hoje, oh Fada, tu repousa e dorme,
Em quanto eu penso no consorcio amado!»

«E' meu destino ir chorando, em quanto
Almo infinito nos separa emfim;
E' meu destino derramar o pranto,
Longa amargura d'um martyrio assim!»

«Mal sabes quanto me consome o seio
O' Deusa, ou Fada, teu olhar ameno!...
Brilhas; e eu choro e na luta anejo
Viver n'um mundo como o teu sereno!»

«Mas é destino ir chorando, em quanto
Almo infinito nos separa emfim
E' meu destino derramar o pranto,
Longa amargura d'um martyrio assim.»

Vinha tombando a noute, e o ceo, em reflexo vago,
Dava-me a solidão.
Eu junto do Mar, do Mar, immenso lago,
Ouvia esta canção.

Furadouro, 23—9—91.

José d'Almeida:

Explosão de grisú na Belgica. Vinte e sete operarios mortos Desolação.

Bruxellas, 20.

Houve hontem de manhã uma explosão de grisú no poço n.º 8 das minas de carvão de Monceau-Fontaine, Forchies.

Vinte e sete operarios que trabalhavam no andar de 360 metros pereceram.

O desastre deu-se pelas 3 horas. A's 11 tinham sido retirados todas as victimas do poço n.º 8.

Os funeraes realisam-se amanhã, segunda feira.

Os cadaveres dos mineiros foram envoltos em lençoes e sobre cada um prendeu-se um cartão com o nome do defunto. As victimas parecem adormecidas, ao

contrario do que habitualmente se produz nas explosões de grisú. Não se descobrem indícios de queimaduras e soffrimento.

As causas da explosão não são ainda exactamente conhecidas. Suppõe-se que algum mineiro haja aberto a sua lampada e comunicado o fogo ao grisú.

A explosão fez uma duzia de viuvas e cerca de quarenta orphãos. E' uma desolação geral.

A companhia corre com as despezas dos funeraes.

Morte de um famoso toureiro.—Acaba de morrer em Villamantilla, perto de Madrid, o velho matador de touros Cayetano Sanz, celebre entre os aficionados hespanhoes pela sua maestria e elegancia, pela delicadeza classica da sua muleta e

pelo soberbo e parado jogo do seu capote.

Cayetano ia completar setenta annos e estava retirado da lide de rezas bravas havia cêrca de vinte.

A ultima vez que toureou foi por occasião do primeiro casamento de Affonso XII.

Morreu quasi na miseria.

Um drama familiar.

A communa de Serito, perto de Cosença, Italia, acha-se immersa na mais funda consternação.

Um rico proprietario, o snr. Veneri, foi morto a tiro de espingarda pelos seus dois filhos Cayetano e Pedro, aos quaes elle annunciara a sua intenção de casar novamente.

Os dois parricidas feriram depois mortalmente a noiva do assassinado.

Acham-se presos e entregues ao poder judicial.

Ainda João Orth.—Um jornal hungaro, o «Szeps», publica uma noticia extraordinaria.

Não sómente João Orth, o ex-archiduque João d'Austria, não teria morrido no naufragio de «Santa Margarida», no estreito de Magalhães, como teria tomado parte importante nos combates travados recentemente no Chili entre congressistas e balmacedistas.

A noticia não encontra ninguém que a acredite, na Austria.

Litteratura

O SAL DO MAR

(CONTO NORUEGUEZ)

Era uma vez dois irmãos, um muito rico, outro pobre. Isto aconteceu ha annos, ha muitos annos. Chegou a vespera do Natal e o pobre não tinha em casa uma migalha de pão para roer; foi a casa do irmão, e pediu-lhe pelo amor de Deus alguma coisa para festejar o Natal.

Ora, não era esta a primeira vez que o irmão rico repartia com o outro, e, valha a verdade, não morria por dar.

«Dou-te um presunto inteiro, se tu fizeres o que eu te disser», disse o irmão rico.

O irmão pobre prometeu tudo o que o outro quiz, e ainda por cima se desfaz em agradecimentos.

«Bem, aqui o tens. Agora é marchar para o Helvede, (1) disse o rico, atirando com o presunto ao irmão.

«Pois sim, o dito, dito», retorquiu o outro sobraçando o presunto e saindo.

Foi andando, andando, durante o dia inteiro, e era já noite quando chegou a um recinto brilhantemente illuminado.

Está-me a parecer que é aqui, pensou o homem do presunto. Fóra, debaixo d'um telheiro, estava um velho de longa barba branca a rachar lenha.

«Ora muito boa noite!» disse o homem do presunto.

«Boa noite! Para onde vae a estas horas?» perguntou-lhe o velho.

«Vou para o Helvede, e se

(1) Helvede significa inferno em norueguez.

me não engano, parece-me que é por aqui o caminho», respondeu o pobre.

«Sim, senhor, é por aqui mesmo», disse o velho. «Assim que vocemecê entrar, verá que todos lhe querem comprar o presunto, porque a carne de porco poucas vezes se vê no Helvede; mas não o venda, a não ser que lhe deem em troca o moinho de mão, que está atraz da porta. Depois, quando vocemecê sair, eu lhe ensinarei a servir-se do moinho e verá que a minha lembrança vale alguma coisa.»

O homem do presunto agradeceu muito ao velho o seu bom conselho, e bateu á porta do Fanden. (1)

Depois de entrar, succedeu exactamente o que o velho tinha previsto; todos os diabos grandes e pequenos, guerreando-se uns aos outros, todos á porfia queriam tirar o presunto.

«De direito, o presunto devia ser para minha mulher e para mim para o jantar do Natal, mas já que tanto se empenham em o comprar, que remedio tenho eu senão vendel-o disse o homem. Mas se por força o querem, hão-de dar-me o moinho que está atraz da porta.»

Fanden, muito teimoso, não queria de fórmula nenhuma desfazer-se do moinho; mas o homem não cedia, e, por fim Fanden fez a troca.

Quando o homem do presunto saiu para fóra, foi ter com o velho para que lhe explicasse o que havia de fazer do moinho, e, depois de varias explicações e de muitos agradecimentos, pôz-se a caminho para casa, estugando o passo, mas, por mais depressa que andasse, não chegou antes da meia noite.

—Ora esta, a que horas tu vens para casa, disse-lhe a mulher. E eu aqui sósinha relada, farta de esperar, sem ter sequer dois carvões para pôr no lume.

—O que queres tu, não pude vir mais cedo. Tive que fazer, e dei uma grande caminhada. Mas tu vae ver se empreguei bem ou não o tempo! disse-lhe o marido.

Poz o moinho em cima da meza, e fel-o moer primeiro luz, depois comida e bebida, tudo manjares proprios d'um jantar de Natal. Tudo o que elle pedia, o moinho lhe apresentava.

A mulher esbugalhou muito os olhos, persignou-se varias vezes, e, por ultimo, quiz saber a proveniencia do moinho, mas o marido teimou em lh'o não dizer.

—Que te importa a ti onde o fui buscar? O que tu, vês é que o moinho é bom e que a mola se não gasta respondeu-lhe o homem.

Depois moeu mais comer e mais bebidas, preparou um banquete e convidou varios amigos.

Quando o irmão rico veio e viu tanta riqueza, todo se roia de inveja, porque não podia levar á paciencia que o irmão tivesse alguma coisa.

—Na vespera do Natal estava tão necessitado que me foi implorar uma esmola, e agora é isto que se vê, um festim que nem o d'um rei, disse o irmão rico para os circumstantes. Mas onde diacho foste tu topar no Helvede com tamanha fortuna? disse elle para o irmão.

—Encontrei-a atraz da por-

(1) Fandeu em norueguez quer dizer diabo.

ta, respondeu o dono do moinho.

E n'aquella occasião não esteve para mais explicações; mas, para o fim do jantar soltou-se-lhe a lingua e não teve mais mão em si. Foi-se a buscar o moinho.

—Aqui teem o que me deu toda esta riqueza, disse elle, e começou a moer tudo que lhe veio á cabeça.

Assim que o irmão tal viu, decidiu logo comprar o moinho, e, por fim, chegaram a um accordo, dando elle ao irmão trezentas libras, e com a condição de só receber o moinho pelo tempo da ceifa.

—Durante todo este tempo, posso moer muita coisa, pensou o dono do moinho.

Pôde-se fazer uma idéa se o moinho parou um momento d'ali até á ceifa.

O irmão veio, e levou o moinho como estava combinado; o que não perguntou, nem o outro lhe disse, foi a maneira de o fazer parar.

No dia seguinte áquelle em que o rico levou o moinho para casa, disse elle para a mulher fosse vigiar os ceifeiros, que o jantar ficava por sua conta.

A mulher foi. Quando eram horas de jantar, pegou o homem do moinho e levou para a meza da cosinha.

«Moe-me para aqui sopa e harenques, e isso depressa e bem», disse o homem; o moinho pôz-se a moer harenques e sopa, primeiro para as travessas e para os pratos, e depois para o chão. O homem, muito atarantado, o que queria era fazer parar o moinho, mas por mais geitos que lhe desesse, por mais esforços que empregasse, não havia meio de o travar.

Abriu a porta para a casa de jautar, mas d'ahi a pouco era já tal a quantidade de peixe e de caldo, que a muito custo conseguiu deitar a mão ao fecho da porta e sair para fóra. Deitou a correr com quanta ancia tinha, e atraz d'elle a sopa e os harenques espumando como encapellado mar.

Por este tempo a mulher já se ia espantando da demora do marido.

«O melhor que temos a fazer é ir caminho da casa, apesar de meu marido não nos ter aind chamado. Não tem lá muito goito para fazer comida, e talvez precise d'uma ajuda», disse ella, para os ceifeiros.

Assim foi. Pozeram-se a caminho de casa, mas quando chegaram ao alto das montanhas, deram com a enxurrada dos harenques e da sopa, e o homem a correr adiante.

«Provera ao ceu que vocês tivessem cada um um cento de estomagos!», bradou-lhe o rico, «tomem conta não se afoguem na sopa do jantar!», continuou á desfilada, como se o diabo lhe fosse no encaço, na direcção da casa do irmão.

Pediu-lhe por tudo quanto havia que fosse buscar o moinho n'aquelle mesmo instante. «Se moe por mais uma hora, morrem todos por causa dos harenques e da sopa», disse elle.

Mas o irmão é que se não decidiu a ir buscar o moinho sem receber primeiro mais cem libras.

E aqui está como o pobre ficou com o dinheiro e com o moinho, e passou a habitar uma vivenda mil vezes mais sumptuosa do que a do outro irmão. Moeu quanto oiro quiz, tanto que co-

briu inteiramente a casa, e como ficava á beira mar, reflectia-se rutilante nas aguas. Todos os que por ali passavam queriam fallar ao possuidor de tamanhas riquezas, e vêr o maravilhoso moinho; porque era tal a sua fama, que se espalhára pelo mundo inteiro.

Decorrido tempo, appareceu o dono d'um navio, que tambem queria vêr o moinho. Perguntou se moia sal.

«Já se vê que sim, que moe sal!» disse o dono d'elle; assim que tal ouviu, o dono do navio fez logo tenção de o adquirir, custasse o que custasse, para evitar perigosas viagens, pelos mares lóra, em demanda de sal.

Ao principio o dono do moinho não queria ouvir razões, mas o marinheiro tanto pediu, tanto instou, que por fim o obteve, em troca de muitos milhares de libras.

Assim que o dono do navio apanhou o moinho, tratou de se fazer ao largo, com receio não mudasse o outro de tenção. Nem sequer teve tempo para lher perguntar a maneira de o fazer parar; começou a navegar, e assim que se viu no mar alto, pegou do moinho e bradou-lhe:

—«Moe-me sal, e isso depressa e bem!»

Assim aconteceu; o moinho começou a deitar sal que espadanava brilhante no ar.

Eneheu-se o navio, e o marinheiro quiz fazer parar o moinho mas todas as tentativas e esforços foram baldados, e o moinho continuava a deitar sal d'uma maneira espantosa, até que por fim era tal a quantidade e o peso, que o barco foi ao fundo.

E lá está o moinho no fundo do mar, a moer, a moer sempre, e ali está a razão por que a agua do mar é salgada.

Nemo.

CHRONICAS

Desde sempre tenho sido mais ou menos victima de crises monotarias, e é esta a razão porque actualmente não estranho tanto os effeitos d'essa *negra epidemia*, que os nossos *medicos* financeiros vão atalhando com o *reçipe* das notas, não obstante muitos *doentes* fazerem carêtas ao tomar o remedio, não sei porque motivo.

O que é certo é que sou tambem um *doente*, mas *doente chronico*, e que apesar de ter muitos desejos de me curar da *doença*, não posso conseguir que os fórros dos meus bolsos tenham o trabalho de limpar o zêbre ao metal, nem a minha carteira o prazer de guardar em seu seio o *remedio* efficaz para a minha cural. . .

Sempre, sempre a *tenir*! Isto não é assumpto para *chronicas*, bem sei; mas tenham paciencia, porque tambem ha *crise* de assumptos proprios para ellas.

*

Eu contava-vos, caros leitores, para vos indemnisar da estopada, uma conversa que ouvi, por acaso, a dois *dandys*, no Furadouro, mas receio praticar uma má acção, divulgando o que me parece ser segredo. Não me pediram para o guardar, é verdade;

mas talvez o fizessem se desconfiassem que eu tinha ouvido a conversa.

Em fim lá vae por *metaphoras* e com a condição de guardarem segredo.

Um dos *dandys*, muito conhecido, principalmente pelo seu *aplomb* e pelo modo, aliás elegante e correcto, como fuma e limpa cuidadosamente a cinza do cigarro, dizia ao outro:—«não imaginas, menino, o quanto amo estas noites de luar, as noites estrelladas, mas confesso-te que, actualmente desejava vê-las substituidas pelas noites escuras, para poder cantar debaixo d'uma varandada a serenata de Almaviva, trepar por uma escada de seda e entrar pela janella, de guitarra a tiracollo, como no *Barbeiro de Sevilha*. . .»

Ah! já estão a rir-se? Pois não acabo de contar. —Tremei Julietas!—prevenivos para esse *lyrismo*, e mandae examinar se na bagagem do *dandy* existe a guitarra de Almaviva. . .

*

Desafiado por *João Sincero* fui a uma *esfolhada*. Na larga eira via-se um monte de milho em espigas, já cercado de muita gente quando chegamos. Elle procurou a sua conveniencia, e eu sentei-me entre duas formosas raparigas, com consentimento d'ellas, mas fil-o tão desastradamente que perdi o equilibrio e cahi. . . Riram-se e eu tambem me ri. Vieram os *serandeiros* dar o mazarição a cheirar, com um dito espirituoso para cada pequena.

De vez em quando ouvia-se dizer: «*achei um abraço*», e era certo que tinha-mos de abraçar o felizão que o achou. Um d'estes felizes foi *João Sincero*, o qual ao abraçar-me disse-me:—«não sejas tolo, vae dar uma roda d'abraços, que é o melhor da festa.» Não sei como me veio parar ás mãos uma espiga vermelha, que permite a liberdade do abraço; consultei as minhas visinhas, e, já se sabe, cumpri as ordens de *João Sincero*.

Oh! que abraços meu Deus! Não digo que todos fossem bem empregados, mas com certeza foram-n'o a maior parte d'elles. Isto aqui para-nós,—eu e as minhas duas visinhas démos e apanhamos mutuamente o nosso beliscão, quando appareciam as espigas que tal auctorisavam.

Finda a *esfolhada*, convidei uma d'ellas para dançar-mos a *rolinha*, e tudo tratou de arranjar pares.

Quando iamos para dançar apparece o *Finura* com o violão e dois companheiros com violas, tocando e cantando a *remaldeira* com entusiasmo. Fiquei fulo, porque já nenhuma rapariga queria dançar a *rolinha*. Não sei que influencia exerce nas raparigas a *remaldeira* bem repenicada, e o diabo do *Finura* é um alho para estas coisas. Como não sei dançar a *cana-verde*, o *vira* e o *corre*, pedi desculpa ao meu par e fui sentar-me amuado no muro da eira, emquanto *João Sincero* e os mais dançavam animadamente a *cana-verde*. Passado pouco tempo quebram duas cordas do violão e o *Finura*, que não vinha munido, rogou duas pragas.

Fiquei vingado! Todos debandaram para suas casas, comendo os tremoços, e eu

confesso que não tinha appetite pensando... nos abraços e nos beliscões.

Até á vista.

Mario Moniz.

Diz o anexam popular «que quem tem amores não dorme»; eu porém, que nunca gozei d'essas supremas delicias, pouco ou nada durmo.

Desejará de certo saber o pio leitor qual a razão.—E' facil, simples e curto o viver das praias e as *esfolhadas*.—Altera o meu habito por cauza de assistir a estas que só tem logar no mez corrente e proximo futuro.—Saia de casa, já tarde; annunciam o divertimento da minha predilecção as estrepitosas gargalhadas, e catico desarmonioso e os gritos dos *serandeiros*, nome que se dá aos vultos engabonados e de descommunes vara-paus. A minha chegada torna-se desprecebida, pois posto-me em logar d'onde não possa ser visto e . . . conhecido. Uma esfolhada! Sim, um montão d'espigas rodeado de candidas e bellas raparigas, entremeadas de velhotas (tudo é preciso) despin-do-as das suas muitas capas, cantarolando umas, fallando rindo e gracejando outras eis a que é uma esfolhada. Allumia esta senna campestre e nocturna o limpido luar d'agosto que por motivos que ignoro honrou nos com a sua visita no mez de setembro. Que tepidas e convidativas teem sido as passadas noites? Recolher-se *João Sincero* á mesma hora que fazem as gallinhas, isso só por doença ou por força maior!

Disse Mario Moniz, o meu distincto collega que muito respeito não só como esclarecido chronista, caracter immaculado mas como burocrata, o puro burocrata, na sua ultima chronica que um homem não ganhava para sustos etc.

Permitta-me portanto o devoto do Calvario de Christo que lhe diga que emquanto uns se assustam, outros se admiram. Ah! vae agora onde quero chegar.

Em algumas esfolhadas a que tenho assistido, espanto-me ao vêr o meu caro Mario fazer a voluntaria penitencia de dar uma roda d'abraços puros de malicia, d'aquellas aquem o amigo chama Juliêtas.

O sangue azul que desde o berço lhe gira nas veias está impuro. Como porém foi vontade espontanea do chronista, tomo a franqueza de pedir a acceitação do meu espanto aqui traduzido e . . . desculpa.

Voltando ao assumpto, continuarei. A circumferencia onde foram collocadas as espigas, larga que seja, é logo prehenchida por uma grande bacia de tremoços que, emquanto ella é devorada, os tocadores *temperam* as violas e os cantadores experimentam a voz quasi sempre maviosa! O baile começa pela quadrilha «a cana verde», o salão e a luz electrica ou gaz são substituidos pela espaçosa eira e pela lua que derrama os seus fulgorantes raios de prata. Noite alta, retiro extasiado. O somno nunca impede que eu venha vagaroso, no regresso, haurindo assim o puro halito da fagueira briza. Que agradavel solidão n'aquellas paragens! Apenas a interrompe o *chiar* de algum carro e o bater compassado

dos mangoaes nos eirados proximos.

Não tomo logo a direcção de caza.

Os primeiros clarões da madrugada distinguem-se ao longe, muito ao longe, e *aquella* que, ha pouco começou a captivar a minha alma virginal, conserva-se ainda entregue na leitura de um livro intitulado «O manual das Sortes».

Dizer o nome para quê?

*

Na solidão d'Ovar em que vivo e que tanto amo, ouço o gemer eterno do gigante mar.

Vou tambem pois á praia do Furadouro.

A animação recrudescer os da alta classe seguem sem transição, o antigo indice do «Passa tempo». Todos os dias e algumas horas da noite, abre-se a sessão de *physica recreativa*. Muito animada quasi sempre.

Ha oradores para todos os paladares; eu nem sequer sirvo de verbo de encher, nem jámais abri sequer um livro de *physica*. Ouço os grandes e pequenos discursos mas . . . fico na mesma.

De resto já os leitores sabem: Aos domingos espectaculos ao ar livre, de fantachos e pelos dias das semanas outros mas menos comicos.

Os leitores não esqueceram de certo o inesperado mas brilhante espectaculo de quarta-feira passado que eu quasi lhe chamava drama.

E' inutil a minha apreciação. Informar os leitores de Ovar e outras partes como descrever o acto para quê?

Que advinhassem e viessem até ao Furadouro.

Perderam bons bocadinhos, caros leitores.

Saudinha até d'aqui a duas semanas.

João Sincero.

Annuncios

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados agradecem, profundamente penhorados, a todas os individuos que os cumprimentaram e se dignaram acompanhar e assistir aos responsos de sepultura de sua chorada esposa, mãe, nora, cunhada e sobrinha Maria d'Oliveira Lopes.

Ovar, 22 de setembro de 1891

Antonio d'Oliveira Leite
Manoel d'Oliveira Leite
Francisco d'Oliveira Leite
Maria d'Oliveira Lopes
Manoel Marques Valente
Manoel d'Oliveira Leite
José d'Oliveira Viegas.

AGRADECIMENTO

Os filhos, genros, netos e sobrinhos de Maria Joanna de Jesus Calma, da rua dos Ferradores d'Arruella, d'esta villa, agradecem penhorados a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do fallecimento d'esta e a todos protestam gratidão.

Ovar, 24 de Setembro de 1981.

AGENCIA FUNERARIA

Rua da Graça — OVAR

SILVERIO LOPES BASTOS, acaba de estabelecer uma agencia funeraria pelo systema do Porto, tendo todos os aprestes para funeraes os mais modernos e mais economicos que até hoje se tem inventado; n'esta casa encontrarão os snrs. doridos caixões já armados desde o mais barato até ao mais rico que se pôde fazer; habitos desde o mais fina seda até ao mais baixa algodão; corôas de flores artificiaes, de perolas e de zinco, desde o melhor ao mais barato, fitas de seda desde a mais larga á mais estreita, guarnições dou, radas, artigos de cartonagem e palheta, sedas lisas e lavradas e emfim um lindo e variado sortido de objectos proprios para funeraes.

Poderão pois os snrs. doridos apresentar as suas ordens n'este casa e duas horas depois terão o caixão, habito e tudo o que necessitarem sem o mais leve incommodo, tendo para isso pessoa competentemente habilitado.

PREÇOS RESUMIDOS

LEI DO RECRUTAMENTO

APPROVADA POR

Carta de lei de 12 de setembro de 1887

Seguida das alterações decretadas em 23 de julho de 1891

Preço 40 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio

A' Livraria—Cruz Coutinho—Editora. Rua dos Caldeireiros, 18, e 20—PORTO.

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Auctor dos romances: As Doi-das em Paris, Mysterios de uma Herança, O Fiacre n.º 13, A Mulher do Saltibanco, Crimes de uma Associação Secreta, As Mulheres de Bronze, Os Milhões do Criminoso, Dramas do Casamento, e outros.

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

4 volumes illustrados com chromos e gravuras a 450 réis por assignatura 1\$800 réis. Cader-netas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a todos os assignantes. Vista geral da Avenida da Liberdade segunda edição com bastantes modificações mede 60 por 73 centímetros, impressão feita a 16 côres valor 500 réis.

Os srs. assignates que enviam já directamente aos editores a quantia de 1\$800 réis (sem abastimento), receberão na volta do correio a vista da Avenida da Liberdade e semanalmente as cader-netas tambem pelo correio tan-para Lisboa como para as provin-cias.

EDITORES—BELEM & C.ª
26, Rua do Marechal Saldanha
26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA
OS
Companheiros do punhal
POR
L. STAPLEAUX

Romancedramatico da maior sensação
ILLUSTRADO

Por semana uma caderneta ao preço de 60 réis.

Brindes de valor a todos os assignantes e angariadores de assignaturas, entre outros: um anel para senhora, um serviço de almoço (China) para 2 pessoas, um cörte de vestido, um relógio de prata, um relógio de ouro para senhora, um pardessus, um centro de mesa, etc., etc., e

Um cheque á vista, de 2 libras

Ninguém deixe de ler o prospecto em distribuição.

Publicada a 1.^a caderneta e á venda n'esta localidade e nos escriptorios da Empresa editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa, onde se dirigirão os pedidos.

Peça-se o prospecto illustrado e 1.^a caderneta.

ELEMENTOS
DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSE NICOLAU RAPOSO BOTELHO

Major de Infanteria

e ex-professor do Lyceu Central do Porto

PORTO

Magalhães & Moniz—Editores

OS MYSTERIOS DO PORTO

POR

GERVAZIO LOBATO

Romance de grande sensação, illustrado com magnificas phototypias.

Condições de assignatura

No Porto e em Lisboa distribuir-se-ha semanalmente, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma phototypia, pelo modico preço de 60 réis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Para as provincias, a remessa será feita quinzenalmente, com inexcetivel regularidade, aos fasciculos de 88 paginas e uma phototypia, pelo diminuto preço de 120 réis cada fasciculo franco de porte, pago adiantadamente.

Para fóra do Porto e Lisboa não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe, que poderá ser enviado em estampilhas de 25 réis, vales do correio ou ordens de facil cobrança.

Recebem-se assignaturas na livreria da Empresa Litteraria e Typographica, editora, rua de D. Pedro, 184 Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Agente em Ovar—Silva Cerveira.

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição correcta e augmentada pelo auctor

Sairá em cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a cada assignante no fim da obra.

Grande vista de Lisboa, em chromo, tirada do Tejo, à vol d'oiseau. Representa com a maior fidelidade a magestosa Praça do Commercio, em todo o seu conjunto as ruas Augusta, do Ouro e da Prata, Praça de D. Pedro IV, theatro de D. Maria II, o Castello de S. Jorge, as ruinas do Carmo, etc. Mede em extensão 72 por 60 centímetros e é incontestavelmente a mais perfeita vista de Lisboa, que até hoje tem apparecido.

MANUAL

DO

PROCESSO ADMINISTRATIVO

Comprehendendo a forma do processo de todas as especies da competencia dos tribuaes administrativos districtaes, desde a sua origem nas diversas repartições, com todos os modelos e formas que lhe são concernentes.

pelo

DR. AUGUSTO CESAR DE SA

JUIZ DE DIREITO, SERVINDO NO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO DE VILLA REAL

Este livro, unico até hoje escripto sobre processo administrativo, e da maior utilidade não só aos que lidam no foro, mas até mesmo ás corporações administrativas e administrações do concelho, publica-se por entregas de fasciculos de 32 paginas, Preço de cada fasciculo, 120 réis.

Póde ser requisitado a Raul de Sá—Editor do MANUAL DO PROCESSO ADMINISTRATIVO—VILLA REAL.

VIDA

DE

LORD BYRON

POR

EMILIO CASTELLAR

VERSÃO DE

FERNANDES REIS

2.^a EDIÇÃO

Com os retratos de Emilio Castellar e de Lord Byron.

1 vol. br. 500 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio.

A' Livreria—Cruz Coutinho, —Editora. Rua dos Caldeiros, 18 e 20—Porto.

DRAMAS DO CASAMENTO

POR

XAVIER DE MONTEPIN
VERSÃO
DE

Julio de Magalhães

volumes illustrados com chromos e gravuras

a 450 réis por assignatura

Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, **50 REIS**
A distribuição começará em 3 de maio proximo.

Erinde a todos os assignantes
EDITORES—BELEM & C.^a
26, Rua do Marechal Saldanha,
26—LISBOA.

Gazeta dos tribuaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribuaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fôr promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não poder conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes) 1\$200

Por duas series (um anno) 2\$400

Não se acceptam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

Pelos paquetes de primeira ordem **dão-se passagens gratuitas** a individuos solteiros, homens ou mulheres, que tenham mais de 17 e menos de 51 annos de idade, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o **Rio de Janeiro e S. Paulo.**

Os passageiros que embarcarem n'estas condições não contrahem vida alguma pelos beneficios recebidos, podendo empregar livremente a sua actividade laboriosa no trabalho que mais lhes convenha.

Solicitam-se e apromptam-se os documentos necessarios e respectivos passaportes, para os passageiros, e prestam-se todos os demais esclarecimentos. Dirigir unicamente:

EM OVAR

Serafim Antunes da Silva

Rua da Praça

N. B.—N'esta agencia vendem-se passagens para todos os portos da Africa Portugueza, por paquetes portuguezes de primeira ordem.

Os compromissos effectuados pelo agente principal ou por seus agentes são compridos com rigorosa promptidão, segurança e boa fé. Exportam-se mercadorias e embarcam-se passageiros pelos portos de França e Hespanha.

NOVO

DICCIONARIO UNIVERSAL

PORTUGUEZ

Linguistico, scientifico, biographico, historico, bibliographico, geographico a mythologico etc.

COMPILADO

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

EDITORES E PROPRIETARIOS

TAVARES CARDOZO & IRMAO

Largo de Camões 5 e 6

LISBOA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

O NOVO DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ contem 2:424 paginas, divididas por dois volumes.

A distribuição será feita em entregas de 96 paginas, tres vezes em cada mez.

Podemos garantir a regularidade da publicação, visto a obra estar completa, toda estereotypada e muitas folhas já impressas.

Os senhores assignantes não correm pois o perigo de ficarem com uma obra incompleta, como tantas vezes aconteceo.

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita em domicilio. Nas demais terras do reino a expedição faz-se pelo correio, recebendo-se antecipadamente o importe de qualquer numero de entregas. O preço de cada entrega é de 120 réis.

Fechada a assignatura o preço será augmentado com mais 20 por cento.

Toda a correspondencia dirigida aos editores e proprietarios Tavares Cardozo & Irmão, Largo de Camões—Lisboa.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODA PARA AS FAMILIAS

Publicou-se o n.^o de 1 de Julho

Preços: 1 anno réis 4\$000—6 mezes 2\$100 rs.—Numero av. lso rs. 200.

LIVRARIA CHARDRON, LUGAN & GENELOUX, SUCCESSORES—PORTO.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Peruambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços **muito reduzidos** para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Pelos paquetes a sahir de Lisboa todas as semanas, **dão-se passagens gratuitas** a familias de trabalhadores ou lavradores, compostas de marido, mulher, avô ou avó com seus filhos, genros, netos ou enteados, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o **Rio de Janeiro e S. Paulo.**



EM AVEIRO

a Manuel J. Soares dos Reis

19—Rua dos Mercadores—23.